

V.21 nº45 (2025)

REVISTA DA
**AN
PE
GE**

ISSN 1679-768X

a

ANPEGE

Associação Nacional
de Pós-graduação e
Pesquisa em Geografia

REVISTA DA
**AN
PE
GE**



HOMENAGEM PÓSTUMA

Manuel Correia De Oliveira Andrade e a AGB

Manuel Correia De Oliveira Andrade and AGB

Manuel Correia De Oliveira Andrade y AGB

DOI: 10.5418/ra2025.v21i45.20420

ARIOVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA

Universidade de São Paulo (USP)

V.21 nº45 (2025)

e-issn : 1679-768X

RESUMO: Este texto aborda a importância de Manuel Correia de Oliveira Andrade para a Geografia brasileira. Este trabalho foi produzido no ano do centenário de seu nascimento e objetiva evidenciar que a trajetória desse geógrafo brasileiro se confunde com a própria história da Associação dos Geógrafos Brasileiros e com seu processo de abertura institucional. Ainda, o texto tenta apontar a partir de declarações de Manuel Correia, desde detalhes históricos até questões fundamentais, os fatos demarcadores do debate político que contribuíram com as transformações ocorridas na ciência geográfica, em particular no desenvolvimento da Geografia Crítica e no caminhar das associações científicas da Geografia brasileira.¹

Palavras-chave: História da Geografia; Geografia Brasileira; Geografia Crítica.

ABSTRACT: This text addresses the importance of Manuel Correia de Oliveira Andrade to Brazilian Geography. This work was produced in the centenary year of his birth and aims to highlight that the trajectory of this Brazilian geographer is intertwined with the history of the Brazilian Association of Geographers and its process of institutional opening. Furthermore, the text attempts to point out based on Manuel Correia's statements, from historical details to fundamental issues, the defining events of the political debate that contributed to the transformations that occurred in geographical science, particularly in the development of Critical Geography and the evolution of scientific associations in Brazilian Geography.

Keywords: History of Geography; Brazilian Geography; Critical Geography.

RESUMEN: Este texto aborda la importancia de Manuel Correia de Oliveira Andrade para la geografía brasileña. Este artículo, producido en el centenario de su nacimiento, busca destacar que la trayectoria de este geógrafo brasileño está entrelazada con la historia de la Asociación Brasileña de Geógrafos y su proceso de apertura institucional. Además, el texto intenta

¹ A publicação deste artigo é uma homenagem ao Prof. Dr. Ariovaldo Umbelino de Oliveira que nos deixou em agosto deste ano, o mesmo foi o quarto presidente da ANPEGE no período de 1999-2002. Agradecimento especial ao Prof. Dr. Marco Antonio Mitidiero Junior pela revisão deste trabalho.



señalar, a partir de las declaraciones de Manuel Correia, desde detalles históricos hasta cuestiones fundamentales, los eventos que definieron el debate político que contribuyeron a las transformaciones ocurridas en la ciencia geográfica, en particular en el desarrollo de la Geografía Crítica y la evolución de las asociaciones científicas en la geografía brasileña.

Palabras-clave: Historia de la Geografía; Geografía brasileña; Geografía crítica.

INTRODUÇÃO

Este texto aborda a importância de Manuel Correia de Oliveira Andrade para a Geografia brasileira. Este trabalho foi produzido no ano do centenário de seu nascimento e objetiva evidenciar que a trajetória desse geógrafo brasileiro se confunde com a própria história da Associação dos Geógrafos Brasileiros e com seu processo de abertura institucional. Ainda, o texto tenta apontar a partir de declarações de Manuel Correia, desde detalhes históricos até questões fundamentais, os fatos demarcadores do debate político que contribuíram com as transformações ocorridas na ciência geográfica, em particular no desenvolvimento da Geografia Crítica e no caminhar das associações científicas da Geografia brasileira.

Manuel Correia De Oliveira Andrade e a AGB²

Manuel Correia de Oliveira Andrade e a Associação dos Geógrafos Brasileiros foi uma constante na Geografia brasileira. Sua participação nos eventos iniciou-se em 1952, sob a condição de assistente de Gilberto Osório:

“As pesquisas na área da Geografia começaram com uma excursão a Serra Negra, com Gilberto Osório. Eu fui seu assistente. E com uma excursão a Águas Belas, visita ao campo de trabalho dos índios fulniôs, com Estevão Pinto, que era um antropólogo. Depois, o grupo de Pernambuco se ligou à AGB, à Associação dos Geógrafos consideravelmente a Geografia pernambucana. O primeiro congresso da AGB, de que nós participamos, foi em Campina Grande, em 1952. Ela já vinha de antes, desde a década de 1930, em São Paulo e no Rio. (ARAUJO, 2002, p. 104/105)

Falando de seu início na Geografia científica que começou em São Paulo, Manuel Correia de Oliveira Andrade sutilmente dava um beliscão no rumo que a ciência tomou:

“Também se desenvolveu em São Paulo, em função da criação da USP. Mas acontece que o grupo dominante da USP era, também, um grupo conservador, naquele período. Depois, foi que a coisa mudou. Eu me lembro de uma tese de doutorado famosa, do Renato Silveira

² Trabalho apresentado no Seminário Nacional “A terra e o Homem” – 1922 – 2022 Centenário do nascimento do Manuel Correia de Andrade realizado na UFPE em Recife em agosto de 2022.

Mendes, que destoava um pouco porque era mais aberta para os problemas sociais. Era um estudo sobre as paisagens culturais da baixada fluminense. Analisava problemas de produção de banana, de laranja. E os estudos de Aroldo de Azevedo — porque ele tinha os livros didáticos e as pesquisas — que desenvolveram bem a geografia urbana. Mas eram estudos que olhavam a cidade como uma entidade estática e não, como uma entidade dinâmica. Naquele tempo, era mais ou menos assim. Mas Elisée Reclus, no fim do século XIX, já analisava os problemas geográficos com uma outra visão. E Aroldo [Azevedo] conhecia a sua obra. ...

Pretensiosamente, ela se chamava Associação dos Geógrafos Brasileiros, mas começou em São Paulo. Em São Paulo, em um congresso em Lorena, admitiu a entrada do Rio. Depois, expandiu-se para os outros estados: Minas Gerais, Paraná, Bahia, Pernambuco. Foi se expandindo. E sofreu, naturalmente, modificações muito sérias. O grupo de Pernambuco entrou forte. Nós entramos numa primeira reunião em 1952.” (ARAUJO, 2002, p. 104/105)

Depois, contando a história da Geografia brasileira sob a tutela da Associação dos Geógrafos Brasileiros, ele dizia que em 1954, no Congresso Internacional realizado em Ribeirão Preto, Mario Lacerda foi eleito presidente, e, em 1959, foi Gilberto Osório, e por fim, em 1961, Manuel Correia de Oliveira Andrade foi eleito presidente. Era uma espécie de hegemonia da liderança nordestina na entidade, agora nacional:

“Em 1954, no Congresso de Geografia de Ribeirão Preto, Mário Lacerda foi eleito presidente. Ficou um ano. Em 1959, Gilberto Osório foi presidente. Em 1961, eu fui presidente. Depois, houve um pouco a queda da influência pernambucana, não só porque nós esgotamos um pouco, houve divergências internas muito grandes aqui, como porque se expandiram os trabalhos em outros estados. Os outros cresceram...

Mas as grandes figuras mesmo eram Gilberto Osório e Mário Lacerda. Tanto que um foi presidente da Associação de Geógrafos em 1954, Mário Lacerda, e o presidente fazia uma assembleia geral. Mário foi eleito em Ribeirão Preto e fez a assembleia em Garanhuns, em 1955. A Faculdade tem os *Anais*. E Gilberto Osório foi em 1959, e fez a primeira assembleia em Mossoró. Eu fui eleito em Londrina, em 1961, e fiz a assembleia em 1962, em Penedo, Alagoas.” (ARAUJO, 2002, p. 105)

A AGB era assim, citada por Manuel Correia de Oliveira Andrade como entidade máxima dos geógrafos brasileiros:

“A AGB foi fundada em São Paulo, em 1934, por um professor francês chamado Pierre Deffontaines, e secretariada por Caio Prado Júnior, que era estudante de Geografia e História. Caio Prado já era bacharel em Direito, mas, quando criaram a Faculdade [Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo], ele se inscreveu no curso. Era uma associação paulista. Era chamada brasileira, mas, no fundo, era paulista. Depois, na década de 1940, eles fizeram um acordo com o Rio de Janeiro. Criaram uma seção no Rio e uma em São Paulo, e escolheram quinze nomes para formar o núcleo de sócios efetivos de lá. Depois, ela começou a crescer. Foram criadas as seções de Minas Gerais, Paraná e, logo em seguida, a nossa.” (ARAUJO, 2002, p.127/128)

Mas, Manuel Correia de Oliveira Andrade corajosamente revelou uma das questões mais sérias da Geografia brasileira. É o caso de Josué de Castro. Geógrafo concursado em Geografia Humana na Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, que não foi integrado na AGB. Era o início de uma de uma posição que até hoje a UFRJ e a

AGB não se referenciaram. Nem mesmo na gestão do próprio Manuel Correia de Oliveira Andrade em 1961/1962. Mas, ele falou sobre o caso:

“E uma coisa impressionante. O Josué de Castro foi inteiramente marginalizado pelo pessoal de Geografia. Josué era professor de Geografia, da Universidade do Brasil, mas os grandes nomes da Geografia não tinham a projeção que ele possuía. Eram, em média, conservadores. Eu não posso dizer que Mário Lacerda fosse conservador, mas era muito moderado. Então, deixaram Josué inteiramente à margem da Geografia. Quando fizeram a junção Rio e São Paulo, eles não botaram Josué no quadro da AGB. Mas Josué tinha prestígio pessoal junto a Getúlio, e era professor de Geografia Humana na Universidade do Brasil, que é, hoje, a UFRJ. Josué também não deu bolas para eles. Eles não tinham o seu prestígio nem lhe faziam sombra. Ele não tomou conhecimento. Mas Josué era professor catedrático interino, e se inscreveu em um concurso para catedrático. Não apareceu geógrafo nenhum para disputar com ele. Ele fez o concurso sozinho, com a tese sobre *Fatores de localização da cidade do Recife*, que é uma tese eminentemente geográfica. Eles diziam que Josué não era geógrafo, era médico. Que ele não era honesto. Diziam o diabo de Josué. Mas ele fez essa tese e mostrou que era um bom geógrafo. Era uma restrição muito de ordem política, a Josué. Poucos geógrafos tinham consideração por Josué. No meu caso, eu tinha, por causa da militância política, no Recife.” (ARAUJO, 2002, p. 128)

E a Eliane Moury Fernandes, insistiu com a pergunta “*Quer dizer que ele era marginalizado por questões políticas?*” presente no livro “O Fio e a Trama: Depoimento de Manuel Correia de Andrade”:

“Era, porque, como disse, a Geografia era profundamente conservadora no plano nacional. O pessoal era muito conservador. Quando Caio Prado Júnior foi secretário da AGB, dirigiu a revista *Geografia*, mas, quando veio a Revolução de 1935, ele foi preso — agora, eu não sei se, no caso de Caio, ele foi afastado ou se ele se afastou — ele foi preso. Depois de algum tempo, foi solto com um *habeas corpus*. Mas o advogado o aconselhou a sair do Brasil imediatamente, porque poderia haver um golpe de Estado e ele seria preso outra vez. Ele pegou um navio no Rio para ir para a França. Quando ele estava em Salvador, Getúlio deu o golpe de 10 de novembro de 1937. Mas não o pegou, porque ele estava viajando. O navio seguiu dia 11 ou 12 de novembro. Ele foi embora e ficou na França até a guerra. Mas a Geografia era profundamente conservadora.” (ARAUJO, 2002, p. 128/129)

Assim, Manuel Correia de Oliveira Andrade falou do episódio envolvendo Josué de Castro e a Universidade do Brasil atual UFRJ. Mas, é necessário *por um pinga nos iis*, é necessário esclarecer esta questão: a inserção de Josué de Castro entre os geógrafos brasileiros. Eu estou fazendo um texto sobre “A Geografia e a UFRJ”, ainda inédito, onde abordei esta questão, e, reproduzo agora o material. Dois pontos são importantes demarcar neste momento de formação da geração de geógrafos que implantaram a pós-graduação em Geografia na UFRJ.

O primeiro refere-se a certo “esquecimento” na historiografia daquela instituição da presença de Josué de Castro como professor no curso de Geografia. Josué de Castro desde o início de sua trajetória intelectual e política defendeu a reforma agrária como solução para os problemas da fome vivida pelo povo brasileiro. Esta posição e sua relação com a ditadura

Vargas, certamente, contrapunham-se àquelas vigentes na Geografia da Universidade do Brasil. Cenas desse embate político ideológico foram resgatadas por Mônica S. Machado:

"Josué de Castro compõe o quadro docente da FNFI não apenas em função de seu trabalho intelectual, já reconhecido naquele momento, mas sobretudo por suas articulações políticas com o governo Getúlio Vargas. Atuante na Universidade, Josué de Castro foi membro do Conselho Departamental e chefe do Departamento de Geografia, no final dos anos 40 e início dos anos 50. Na década de 40, principalmente com a publicação, em 1946, de seu livro *Geografia da Fome*, ele já possuía visibilidade internacional (...) Em 1951, publica *Geopolítica da Fome* e assume, em 1952, a presidência do Conselho da Organização para Alimentação e Agricultura das Nações Unidas, sendo contemplado, em 1955, com o Prêmio Internacional da Paz. De 1955 em diante, Josué de Castro se ausenta da universidade e parte para a atuação intensiva na arena política nacional e internacional (...) os professores Hilgard Sternberg e Nilton Campos se abstêm de parabenizar Josué de Castro pelo Prêmio Internacional da Paz, por ele recebido: *'Reitero, neste momento, minhas homenagens a essa inteligência que tem levado meu eminente colega de Departamento a ocupar lugares de invulgar destaque no cenário nacional e internacional. Mas sou compelido, por um dever inelutável de consciência, a abster-me de votar o assunto em tela - e isto por me julgar insuficientemente esclarecido sobre as finalidades e vínculos da instituição que lhe concedeu o mais recente dos numerosos prêmios que focalizam sua obra'* (Hilgard Sternberg)." (MACHADO, 2009:119 a 121) (grifo meu).

O segundo ponto refere-se ao papel desempenhado por Hilgard Sternberg naquele curso de Geografia. Maria Helena Lacorte, Mariana Miranda, Maristella Brito e Lia Osorio Machado escreveram em texto de 2011, sobre Hilgard Sternberg apontando que "desde o início de sua carreira foi considerado como um intelectual conservador da 'direita' católica entre muitos de seus colegas e alunos na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Apesar de ser declaradamente anticomunista (...) Numa época de intensos debates ideológicos gostava de provocar alunos e colegas que discordavam de suas ideias políticas ..." (LACORTE et alli, 2011:189/190) (grifo e recorte do texto meu)

Assim, a posição de Hilgard Sternberg foi política e por isso, não se alinhou a aqueles que até, por gentileza, alinharam ao lado de Josué de Castro. E assim, Josué de Castro é esquecido na historiografia da UFRJ. Um esquecimento que se mantém até os dias de hoje.

Voltando a falar sobre a maciça influência francesa na Geografia brasileira, Manuel Correia de Oliveira Andrade refere-se a dois geógrafos que marcaram está fase. Dois extremos, de um lado Paul Vidal de La Blache, e, de outro, Jean Jacques Elisée Reclus. O primeiro à direita e o segundo à esquerda. Um era positivista e o outro anarquista.

"A influência francesa foi muito forte. Mas acontece o seguinte: a Geografia brasileira foi, até uns trinta anos atrás, uma Geografia francesa feita no Brasil. A influência maior era de Vidal de La Blache, que foi assessor do Estado Maior do Exército francês. Vidal de La Blache tinha preocupações de ordem política, inclusive ele tem um livro *A França do Leste*, que é um livro de geopolítica. Mas o pessoal do Brasil adotou Vidal de La Blache, deu ênfase ao estudo regional e ao trabalho de campo, e omitiu essa parte da influência política. E afastou inteiramente da leitura, o Elisée Reclus, que era um geógrafo francês anarquista, muito lido na década de 1920. Eu tenho até uma antologia, que organizei, em português,

publicada pela Editora Ática, sobre o seu pensamento. Então houve esse problema e continuou nessa linha.” (ARAUJO, 2002, p. 129)

Manuel Correia de Oliveira Andrade continuou a falar da denominada Geografia científica até à década de 1970. E, assim, chegava à Geografia Teorética ou Quantitativa e, a Geografia chamada da Crítica, ou de método materialista dialético, ou até mesmo, dialético idealista. E não se esqueceu do lançamento do livro organizado por Milton Santos, *Novos Rumos da Geografia Brasileira*, publicado em 1982. Mas, seu texto já havia sido publicado, em junho de 1977, no Boletim Paulista de Geografia nº 54 da Associação dos Geógrafos Brasileiros de São Paulo.

“Depois, começou a entrar gente mais jovem e mais aberta, mas, até a ditadura, os grandes setores da Geografia apoiaram o golpe de 1964. Além de apoiarem o golpe, procuraram introduzir o que chamavam Geografia Teorética ou Quantitativa, que é uma espécie de econometria aplicada à análise do espaço. Caiu quando nós fizemos um movimento e Milton Santos organizou um livro, *Novos Rumos da Geografia Brasileira*, que foi um rompimento com a Geografia chamada quantitativa, que tinha sede, sobretudo, no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas não na USP, na Unesp, em Rio Claro.” (ARAUJO, 2002, p. 129/130)

Mas, em São Paulo, a seção regional da AGB, e no próprio Departamento de Geografia da agora Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, já se estava gestando a possibilidade de se promover mudanças na entidade. Os marcos dessas mudanças foram o novo logo da AGB e a publicação de textos com um viés marxista no Boletim e a publicação da Seleção de Textos que trazia aqueles mais importantes do momento em várias revistas mundiais. Era esse movimento que nascera em São Paulo com Manoel Seabra, Odette Seabra, Myrna Terezinha Rego Viana, José Marinho de Gusmão Pinto, Armén Mamigonian, Beatriz Maria Soares Pontes e eu, e no Rio de Janeiro com Carlos Walter Porto Gonçalves e Ruy Moreira, impulsionavam, com o apoio estudantil, o movimento.

Assim, foi que aconteceu a Assembleia da AGB para a mudança dos Estatutos em 1979, resultado do 3º Encontro Nacional da entidade realizado em Fortaleza/CE. Uma das propostas apresentada à AGB Nacional era de Beatriz Soares Pontes. A AGB Nacional era dirigida pelo Marcos Alegre, tinha na vice-presidência Manuel Correia de Oliveira Andrade. E, aí, Manuel Correia de Oliveira Andrade reconheceu o erro político de ter aceitado a vice-presidência.

“Foi em ... [1979]. Eu era vice-presidente [da AGB]. Havia um problema político muito sério. Havia, em ... [1979], ... [1978], uma política muito forte na AGB, porque Milton Santos veio da Europa com grande prestígio. Tentou desequilibrar a AGB em Fortaleza. Eu, com o apoio de Caio Prado Júnior e de Araújo Filho, nós tínhamos uma chapa que

achávamos que o Milton queria desequilibrar, e não conseguiu. Milton era muito político. E nessa chapa, para poder dar umas garantias de apoio, acharam que eu devia ser o vice. **Eu aceitei, talvez tenha sido um erro político.**

O presidente era Marcos Alegre. Então, o grupo da AGB mais jovem, de tendências ditas esquerdistas ... pediu uma reunião administrativa para reforma dos estatutos. Pressionaram. Nós ficamos reunidos na USP, naquela sala de Geografia, cercados praticamente pela estudantada. Então, nós achamos que não tínhamos garantias, e renunciamos.” (ARAUJO, 2002, p. 138) (Negrito meu)

Assim, a Assembleia Nacional da AGB reunida em São Paulo, no anfiteatro de Geografia do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, ficou sem Diretoria eleita. Logo, que a Direção que renunciara deixou o local, tratamos de dar sequência a atividade e a Assembleia Nacional decidiu pela indicação de uma comissão de quatro nomes até o 4º Encontro Nacional que seria realizado no Rio de Janeiro: Ruy Moreira, Carlos Walter Porto Gonçalves, José Marinho de Gusmão Pinto e eu. Decidiu-se a reforma dos estatutos e a divulgação das decisões até o 4º Encontro, e, a AGB estava definitivamente democratizada, e, as Seções Regionais foram transformadas em Seções Locais. Mas, Manuel Correia de Oliveira Andrade Oliveira entendeu de outra forma. Entretanto, tudo foi feito dentro da absoluta ordem, e, Manuel Correia de Oliveira Andrade acertou corretamente no que aconteceu: a AGB tinha se transformado em um movimento de massa.

“Então, organizaram outra diretoria para nos substituir. Diretoria que foi chefiada por (...) Ruy Moreira, do Rio de Janeiro. Moreira se dizia marxista-stalinista. Tomaram o poder e começaram a brigar entre si. Mas a tese principal deles era a seguinte: que, na AGB, os estudantes tivessem todos os direitos de sócio-efetivos, porque, quando o aluno fazia vestibular, ele já era um geógrafo, diziam. Então, nós perguntávamos: “— Você, doente, chamaria um primeiranista de Medicina para cuidar de sua saúde?” Era a demagogia do Ruy Moreira. Em segundo lugar, eles queriam acabar com as seções regionais, para fazer seções municipais. Agora, eles estão querendo acabar com isso. E, em terceiro lugar, que os trabalhos apresentados na AGB, não fossem analisados. Entrassem direto, como aprovados. Qualquer trabalho. Eles queriam transformar a AGB em um movimento de massa.” (ARAUJO, 2002, p. 138/139)

Mas, Manuel Correia de Oliveira Andrade entendeu que o processo de democratização já tinha sido implantado na AGB, o que realmente não havia acontecido. Assim, ele apresentava argumentos quanto a isso:

“Havia suas razões e não havia. Primeiro, eles alegavam que a AGB era aristocrática, oligárquica. Mas a AGB já sofrera uma reforma. A AGB foi muito fechada em um certo período, quando fora fundada nas décadas de 1930, 1940, 1950. Mas se abriu. Por exemplo, até então, havia os sócios efetivos e os sócios cooperadores. Eram sócios efetivos um número 'x', eleitos pelos já efetivos. A pessoa, por exemplo, não pleiteava. Quando apareciam três sócios efetivos que candidatavam a pessoa, ela era submetida à eleição. Na reforma que nós fizemos em 1962, 1963, estabelecemos que todo o formado, fosse o licenciado ou o bacharel, automaticamente passava para sócio efetivo. Então, nós achávamos que, na ocasião, qualquer pessoa com o diploma de geógrafo era sócio efetivo,

estávamos democratizados. Eles achavam que não. Tinha que ser o estudante. Estudante por quê? Porque esse movimento do Ruy Moreira, ele levaria quem quisesse. Então, eles dominaram. Mas chegou um certo ponto em que a AGB caiu muito. Aí, eles elegeram presidente um sujeito da velha guarda, um velho marxista, Orlando Valverde, que é uma das maiores figuras de geógrafos desse país. Milton Santos é nome muito importante, mas Orlando não é inferior a ele em nada. E Orlando foi o presidente. Tentou conciliar, o que era difícil.” (ARAUJO, 2002, p. 139)

E foi assim que a AGB se tornou um movimento de massa, realizando seus eventos com mais de 4 ou 5 mil participantes. Mesmo, no 4º Encontro realizado na PUC-Rio de Janeiro chegou-se a mais de mil inscritos.

“Então, na eleição seguinte, tinha que ser outro, e foi eleito um professor do Ceará, José da Silva. Esse cara, que não tinha grande expressão na época, hoje tem, era um político hábil. E conseguiu reorganizar a AGB. Mas a Associação ficou hiper ampliada. As reuniões, que eram de cem a duzentos geógrafos e eram mais científicas, passaram a ser assembleias. E essa ampliação faz com que, hoje, as reuniões sejam de três, quatro mil pessoas. A próxima, programada para os dias 21 a 26 de julho deste ano (2002), em João Pessoa, tem quatro mil inscritos. Você já pensou, quatro mil geógrafos em João Pessoa, num departamento pequeno? O José Borzacciello da Silva conseguiu fazer o retorno à atividade, desses geógrafos.” (ARAUJO, 2002, p. 139)

Como a direção da UFRJ tinha comunicado que não realizaria mais o Encontro em suas dependências, como havia sido decidido no Encontro de Fortaleza, Manuel Correia de Oliveira Andrade esqueceu-se de dizer que estes problemas foram superados com a aguerrida participação de quase todos os geógrafos para que o 4º Encontro fosse realizado no Rio de Janeiro, na PUC-RJ.

Assim, o professor Orlando Valverde, foi em comissão ao Reitor da PUC e solicitou que o mesmo abrisse seus espaços gratuitamente para a realização do 4º Encontro. E, foi lá realizado o evento, e a direção do curso de Geografia da UFRJ, ficou ao Deus dará naquele episódio. Mas, como pode ser vista nos Anais do 4º Encontro do Rio de Janeiro, muitos dos professores da UFRJ participaram do evento realizado no campus da PUC-RJ.

Também foi vista por Manuel Correia de Oliveira Andrade na entrevista publicada em livro, a questão que envolveu a criação da ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Segundo ele também teve problema na criação da entidade.

“Outra coisa, havia divergência. Em grupo de geógrafos queria criar uma associação de pós-graduação e pesquisa em Geografia, semelhante àquela de Economia. O pessoal da AGB se opunha, acusando a ideia de elitista. Não deveria haver. Essa associação foi criada anos depois, numa reunião em Santa Catarina, sob a minha presidência. Terminada a reunião, o Milton Santos veio a mim e perguntou: “— Você é candidato a presidente?” Eu respondi: “— Não. Não sou por uma razão muito simples: eu não sou mais da universidade. E essa associação, não se pode confundir com a AGB, são duas coisas diferentes. Ela é baseada sobretudo nos departamentos.” Ele falou: “— Mas você dirige um departamento no Nabuco.” Eu respondi: “— Mas é um departamento de história. Não tem geógrafos.” Ele respondeu: “— Bem, se você não é candidato, eu sou.” Eu disse: “— Eu lhe apoio.” Ele foi o primeiro presidente e levou a associação para a USP, dando-lhe uma representatividade

que não teria em outra instituição. Depois, ele foi sucedido por outro. Eu não sei, mas parece que ainda está mais ou menos no controle da USP. Parece que o presidente é o Ariovaldo Umbelino de Oliveira, ou deixou de ser agora, em julho. Essa era outra divergência.” (ARAUJO, 2002, p. 139/140)

Dessa forma, a ANPEGE foi criada e está em sua 16ª gestão, em pleno desenvolvimento, e a AGB também, está desenvolvendo plenamente, e, fará seu XXI ENG em 2026, e fez seu VIII CBG em 2024 em São Paulo.

“Mas a Geografia Quantitativa morreu. A Geografia que eles chamavam 'Crítica' — eu acho uma impropriedade chamar 'Crítica', porque toda ciência é Crítica — a Geografia 'Crítica' esfacelou-se em grupos. Mas hoje não está havendo essa rivalidade tão grande. No entanto, continua havendo essa dualidade: a AGB, com as reuniões de massa; e essa outra associação, com reuniões, digamos, de elite, não é bem a palavra apropriada. Em seguida, eles fizeram as pazes gerais, porque, após José Borzacciello da Silva, veio Odete Seabra. Odete consolidou a conciliação e fez uma assembleia aqui, no Recife, em que eu fui o geógrafo homenageado, que começou com uma conferência de José de Souza Martins, sobre *A Terra e o Homem no Nordeste*, e a coisa voltou à normalidade. Mas são acidentes de percurso.” (ARAUJO, 140)

Assim, foram as relações que se estabeleceram entre Manuel Correia de Oliveira Andrade e as entidades AGB e ANPEGE. Tudo indica que estas relações foram mediadas pela compreensão de que o mundo é maior, e tudo abarca e realiza. Manuel Correia de Oliveira Andrade é maior que tudo isto, e por certo, terá sempre um lugar de prestígio internacional que ficou lavrado por ocasião do seu livro *A Terra e o Homem no Nordeste*, colocado com um dos 100 Mais Livros do Século.



Salão Internacional do Livro, em São Paulo, em 1999,
quando a obra *A Terra e o Homem no Nordeste*
foi indicada como uma das principais obras do
século XX do Brasil.

Bibliografia

AGB SÃO PAULO, Boletim Paulista da Geografia N° 54, jun. 1977, São Paulo.

ANDRADE, M. C. A Terra e o Homem no Nordeste, Editora Brasiliense, 2ª edição, 1964.

ARAUJO, R. C. B. O Fio e a Trama: Depoimento de Manuel Correia de Andrade, Editora Universitária da UFPE, 2002, 174 p.

LACORTE, M., MIRANDA, M., BRITO, M., MACHADO, L. O. Hilgard O'Reilly Sternberg, Rio de Janeiro, Fremont, 2011.


MACHADO, M. S. *A Construção da Geografia Universitária no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, FAPERJ, 2009, 231p.

OLIVEIRA, A.U. Anais do 4º Encontro Nacional dos Geógrafos, Rio de Janeiro, 1980.

OLIVEIRA, A.U. O Campo Brasileiro no Pensamento de Manuel Correia de Andrade, in Marco Antonio Mitidiero Júnior et alli, *A Questão Agrária no Século XXI*, Outras Expressões, São Paulo, 2015.

SANTOS, M. *Novos Rumos da Geografia Brasileira*, Editora Hucitec, 1982.

SOBRE O AUTOR

Ariovaldo Umbelino de Oliveira  - Possui graduação em GEOGRAFIA pela Universidade de São Paulo (1970), doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1979), Livre-Docência em Geografia pela FFLCH - USP (1997) e Professor Titular Geografia Agrária pela FFLCH - USP (1998). É Pesquisador nível 1A - CNPQ, Pesquisador Visitante Nacional Sênior - CAPES e Professor Sênior - USP. Orientador de mestrado e doutorado em Geografia Humana na FFLCH-USP. Autor dos livros "Agricultura Camponesa no Brasil", "Geografia das Lutas no Campo", "Modo Capitalista de Produção, Agricultura e Reforma Agrária", " Contribuição para o estudo da geografia agrária: crítica ao 'Estado Isolado' de Von Thünen", " A fronteira amazônica mato-grossense: grilagem, corrupção e violência" ,"A Mundialização da Agricultura Brasileira", "Terras de Estrangeiros no Brasil", "A Grilagem de Terras na Formação Territorial Brasileira", entre outros. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Agrária, atuando principalmente nos seguintes temas: geografia agraria, questão agrária, agricultura brasileira, luta pela terra, capitalismo no campo, Amazônia e diagnóstico fundiário.

E-mail: arioliv@usp.br

Data de submissão: 21 de julho de 2025

Aceito para publicação: 15 de dezembro de 2025

Data de publicação: 22 de dezembro de 2025